

AVENÇA

A REGENERACÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR :
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Temor sem razão

PERANTE a avalanche sempre crescente de refugiados de guerra, não é raro ouvirmos dizer que não vem longe o dia em que nos tenhamos de ver a braços com um grande problema: a concorrência dos estrangeiros que se acolheram à nossa hospitalidade e que não tarda, passarão a ter empregos e colocações em detrimento dos nacionais, onde ainda há alguns desempregados.

E' evidente que se trata dum temor que não tem a mínima razão de ser.

Nós admitimos e aceitamos os estrangeiros que procuraram abrigo na nossa terra, em nome das leis da humanidade, da mais segura e fiel caridade cristã.

Uma coisa; porém é dar-lhes abrigo, outra muito diferente criar-lhes, em Portugal situação que nem estaria de acordo com as nossas condições de vida, nem sequer seria consentida pelas nossas leis.

A legislação que regula o trabalho dos estrangeiros entre nós, defende de tal modo a paridade e condições dos portugueses que, em caso nenhum — excluem se, é claro os casos extraordinários — os estrangeiros podem levar a palma aos nacionais.

Se o nosso nacionalismo não tem nada de xenófobo também não consente alienar em favor de estranhos aquilo que a nós é necessário.

Evidentemente, não nos pode deixar de merecer o maior cuidado o mais vivo interesse, a situação de quantos, desprovidos de todos os bens materiais, aossados pelo monstro informe que é a guerra tiveram de acolher-se ao nosso País. No entanto essa humanidade, solidariedade até se quizerem, não pretende de modo nenhum significar imolação.

E outra coisa de facto não seria se nos lugares que de facto e direito pertencem a portugueses, nós vissemos amanhã colocados estrangeiros.

Simplemente o facto não pode dar-se. Primeiro porque no-lo proibem as leis existentes; segundo porque a tanto se opõe a própria moral do Estado Novo autor dessas mesmas leis.

Descansem, pois, os muitos preocupados com a crescente concorrência e estadia dos estrangeiros.

São pessoas que estão e estarão na nossa Terra, o tempo que quizerem e puderem.

Pessoas que nós recebemos e tratamos com maiores provas de hospitalidade, mas isso e só isso.

Os problemas que, porventura muitos deles precisavam que se resolvessem com eles precisamos nós de resolvê-los com muitos portugueses que, ainda carecem de arrumação definitiva de situação.

Tribunal Judicial

No próximo passado dia um do corrente teve a sua abertura solene, o ano judicial da nossa comarca.

Presidiu o Meretíssimo Juiz desta comarca sr. dr. Temudo Machado, ladeado pelos srs. dr. Delegado e presidentes das três Câmaras de que se compõe a comarca.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Delegado, depois o representante da Ordem dos advogados

sr. dr. Neves Rodrigues, de Coimbra e finalmente o sr. dr. Juiz.

O Tribunal estava à cunha, vendo-se nas cadeiras da teia muitas senhoras.

Pedrogão Grande e Castanheira de Pera estavam largamente representados pelas figuras mais em destaque, dos respectivos concelhos.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Escola Secundária da Câmara

Abriu no dia 7 do corrente a Escola Secundária da nossa Câmara, que tem como Director o sr. dr. Sérgio dos Reis.

Esta nossa Escola, que de ano para ano vimos aumentar em frequência, devido sem dúvida aos resultados brilhantes que os alunos têm obtido, continua a merecer o nosso carinho.

Este ano, não nos cansamos de o repedir, não teve uma única reprovação.

De todos os alunos que levou ao liceu de Coimbra, ficaram todos aprovados; apenas um ficou esperado em matemática, que fez agora em Outubro, obtendo a bonita classificação de treze valores.

Não precisamos de realçar mais o valor, pois todos sabem o quanto de importante tem para a região, sobretudo numa época em que os meios grandes estão bastante corrompidos.

Os refugiados

Lisboa continua a ser, nesta Europa em guerra, a cidade da paz — e a ela se acolhem diariamente refugiados das mais diversas origens e nacionalidades: chegaram nos fins do mês passado setenta belgas; desceram na estação do Rossio quarenta holandeses; devem desembarcar vinte ou trinta franceses de Casabranca, vinte ou trinta ingleses de Gibraltar. Dêsses refugiados — uns seguem para as Américas, levando nos olhos e no coração, como última imagem da Europa, a imagem de Lisboa; outros ficam, instalam-se, aprendem a conhecer-nos. E todos se mostram gratos pela delicadeza e pela generosidade com que nesta terra os recebem, os acarinham. Assim, mais tarde, quando do ciclone de agora mais não houver senão ruínas e as más recordações, devemos colher os frutos do que vamos semeando: Portugal — graças à gratidão dos refugiados — será ainda mais conhecido e terá ainda mais amigos pelo mundo.

Esses refugiados, todavia, têm que admitir, antes de mais nada, que Portugal é dos portugueses — e para os portugueses. Nunca fechámos as portas da nossa casa a ninguém; mas também nunca permitimos que outros se sentassem à mesa no lugar dos nossos filhos.

Depois, nos jornais, nas sec-

Regresso à Terra

por Jorge Nunes

O rural português emigra muito. Abandona o campo vai para a cidade; abandona a metrópole e vai para as colónias e para o estrangeiro.

Há quem pregue o regresso à terra. Para êsses, a emigração do rural português seria uma espécie de questionamento, de *spleen* que atacasse o nosso bom camponês. Uma coisa pouco mais ou menos como se vê nas fitas, até mesmo nas de recente indústria nacional: aparecia na aldeia uma vedeta, masculina ou feminina, e o bom indígena largava tudo e partia no cheirinho do *sex appeal*. Dava-lhe na gana e abalava. E então, contra pensamentos tão materialistas, ou até diabólicos, conforme a profundidade do «preclaríssimo» em transe de locubrações sociais, que, é claro, vive na cidade; contra as nefandas tentações do camponês cantam-lhe uns hinos muito bonitos intitulados de regresso à terra. Hinos ou valsas: «regresso à terra»!

Mas há quem veja outras causas, não as cinéfilas mas antes económicas. E estes «economistas», vituperam então a estupidez, aldeã, que motivaria o abandono do pátrio lar. Atacado da febre de enriquecer, o nosso rural dava ao diabo o campo e a família e partia na miragem dourada. Atacava o assim uma tentação de formar montes de libras, ou dólares, ou francos, ou reis brasileiros, e largava da sua terra nada menos que na ideia de fazer depósitos à ordem em escudos portugueses.

E contra isto, os queridos conselheiros «economistas» pregam terra, o amor da terra, o consabido e decantado «regresso à terra», cuja canção aprenderam uns com os outros como canários em loja de passarinho.

Nenhum se mete a averiguar, concretamente, porque é que o nortenho abala do sítio e vem por aí abaixo engrossando no sul os actualíssimos exércitos de maltezes; nem porque o campaiço, não importa donde, tudo faz para vir para a vila, ao menos; e o actual vilão deseja mudar para as grandes cidades (grandes entre nós); nem porque êste número, o mais nostálgico da sua terra que existe, êsse homem da saúde, do fado, do sentimentalismo que é o português, rompe e destroça o seu próprio interior, abandona a família, o seu tuguírio e o quintal, quando o possui, e parte nem êle sabe para onde, pois, quando muito, ouviu falar.

Parte para onde julga que vestirá o corpo, que habitará uma morada, que poderá viver de si mesmo. Ninguém averigua concretamente o que o leva a partir. Para quê? Chega a apontar-se-lhe um irrequietismo, um aventureirismo, um cupidismo (a êle, o menos ambicioso dos europeus), que os papagaios repetem uns aos outros. E sermoneia-se-lhe então o «regresso à terra». Ele parte sem escolher destino, sem discutir condições, sem acautelar segurança, nem ao menos a da viagem, agora com autêntico perigo de morte, demais a mais e geralmente nos velhos calhambeques franceses em que o embarcam; êle parte, aceita tudo, está por tudo.

O que o leva a fazê-lo em tal urgência, em tal dependência e completamente à mercê, humilíssimo e resignado?

Disse muito bem um ilustre deputado da nação notando que lhe faltava mesmo o direito de trazer o amealhado para o país de origem, deixando de haver emigração para haver escravidão dos portugueses no estrangeiro. Não há, como se vê, qualquer miragem; há a pressão forte e invencível das circunstâncias.

Isto quanto ao que emigra para outras regiões do país ou para o estrangeiro. Quanto ao que apenas desce à cidade, ou à vila, ao que pratica êste elementar urbanismo, também se averigua que, além de procurar salário um pouco mais alto do que os quatro ou cinco escudos de média que tira no campo, cujo aumento consigna nível de vida um tudo nada melhor. Vem em procura de alguma convivência, de alguma educação; procura assegurar-se de hospital e médico e botica à mão, e não a léguas, sem estradas, sem telefones, sem telégrafo.

ções de pequenas notícias, lêu se por prática ilegal de medicina. que um certo Levy bretão, Não somos xenófobos. Mas é roubou um barco em Setúbal, indispensável que os estrangeiros, lia-se antes que em Coimbra não queiram ser em Portugal se- fôra preso um tal Isaac, polaco, não o que são — estrangeiros.

Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

Correspondências

Plena solução

LYSISTRATA

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

Frouxomil, 29-4-940

Campo d'Aviação de Coimbra

Caldas da Rainha é uma moderna e progressiva cidade, no distrito de Leiria, provincia da Estremadura.

Tem uma só freguesia, na cidade: Nossa Senhora do Pópulo. O concelho, porém, com comarca, tem 10 freguesias.

A cidade com Estação T. Postal de 1.ª classe, criada em 7 de Abril de 1869; Misericórdia, hospitais, Escolas Primárias e Industrial Rainha D. Leonor; luz electrica; muito comércio e indústrias; mercados; feiras mensais e anuais; movimento intenso, principalmente no verão.

E' actualmente uma das povoações mais importantes da respectiva provincia.

«Desde a sua fundação pertenceu à Casa das Rainhas, tendo juiz ordinário e Câmara, até 1834.»

As suas águas minerais, que lhe deram origem, são quentes e sulfureas.

No declive do monte pequeno em que assenta, de aspecto agradável, atrai quem de fora a contempla.

As termas ou caldas deve a povoação, depois vila, hoje cidade, o seu nascimento, o seu constante e rápido progresso.

D. Leonor, mulher de D. João II, padecia dum seio. Vendo que alguns trabalhadores ali se iam lavar inquiriu das causas. Experimentou; certificou-se da sua efficacia: curou-se.

Do facto, para ela muito importante, mandou ali erigir um padrão comemorativo. No ano seguinte mandou, com suas rendas, construir um hospital. Para o concluir vendeu as suas próprias jóias ao irmão, D. Manuel I.

A instancias de D. Leonor, D. Manuel mandou edificar moradias, umas 30, e deu à nascente povoação logo a categoria de vila, com muitas regalias aos residentes e visitantes. Estas primeiras e excepçionais regalias conservaram-se até D. João IV, 1640.

D. Leonor, em testamento, deixou ao seu estabelecimento Termal rendas consideradas suficientes para tratamento anual de 600 pobres. A sua administração ficou a cargo dos frades leiros. D. José I, em 20 de Abril de 1775, passou a administração do Estabelecimento Termal para o governo.

O benemérito Manuel Matos de Sousa, comendador da Ordem de Cristo, deu bens e rendimentos para a construção da Casa da Convalescença.

D. João V, frequentador das termas com a familia durante 13 anos, reconstruiu o hospital, dando-lhe a forma actual. Foi então muito augmentado. A reedificação começou em Maio de 1747 e terminou em 1750.

O hospital tem uma bela igreja. Isidoro Inácio Alves de Carvalho determinou que, junto do Hospital Real, no Largo da Capa, se construísse um outro hospital. Fez-se em 1852. Foi mais tarde, substituído pelo de Santo Isidoro, fora da vila, e inaugurado em 19 de Março de 1893.

A Igreja Matriz, por iniciativa de D. Leonor, começou a ser construída em 1485 e concluiu-se em 1602.

D. João V reedificou-a, e por 1740, com grandezza e sumptuosidade.

O primeiro templo erigido foi a capela do Espírito Santo, que ser-

Este campo a que está ligado o nome de um homem illustre dr. Bissaia Barreto apcz a sua inauguração, em quinze de Julho último, encontra-se em pleno exercicio de sua actividade.

A avionete ali permanente, funciona de modo constante e dos onze candidatos, alguns já pilotavam com destreza.

Há frequentes amadores do vôo, contando-se numerosas senhoras que preferem sobrevoar Coimbra.

Há dias, foi o Rv. do padre Manuel Gonçalves que sobrevoou Coimbra e o Sanatório da Quinta dos Vales, onde lançou uma mensagem ao seu director sr. dr. Armando Gonçalves, assim como em Frouxomil, que parouquia.

O sangue frio que mostrou num suposto desastre motivado por um poço aereo e a certeza no lançar as mensagens, veio justificar o seu particular gosto pela aviação.

Pena é que entre nós, as condições de aprendizagem não sejam acessiveis a todos.

Nos últimos dias, o ceu azul de Coimbra tem sido cruzado por vários aparelhos, alguns trimotores do nosso exercito do ar.

C.

Exposição Distrital de Leiria

Foi prorrogada até ao fim do corrente mês de Outubro esta Exposição, cujo êxito se deve incontestavelmente ao Comissário da mesma o ex.º sr. Horácio Eliseu.

Aquele mostruário, sua orientação e disposição, em nada demerreceu os elogios de que tem sido alvo e sem receio, afirmamos que todos os que o apreciaram ficaram com uma ideia nítida do valor activo, em todos os ramos do distrito Leiria.

Achamos, pois, bastante acertada a resolução de prolongarem por mais um mês aquilo que de certo modo é o orgulho dos leirienses.

viu de igreja parochial. Além desta existem mais quatro, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Rosário, S. Sebastião e S. Bartolomeu.

A indústria cerâmica data de 1488. Começou com dois oleiros apenas. Em 1855 tinham as Caldas da Rainha vinte officinas de louça. Manuel Cipriano Gomes Mafra deu novo impulso à industria, imprimindo-lhe «novo caracter e originalidade».

Em Junho de 1884 fundou-se a fábrica de Faianças das Caldas, dirigida por Bordalo Pinheiro «que lhe deu renome».

Há, no concelho das Caldas da Rainha, mais termas; mas de somenos importancia. nenhuma das outras possui um Estabelecimento Termal como o construído por D. Leonor em 1490.

Tem a cidade boas ruas, excellentes praças, óptimos passeios e belo parque. Para êste dão as janelas do Hospital de Carlos.

Tem vários chafarizes, com muito boa água potável.

O terreno do concelho é fértil.

(Continua)

Junho, 1940

Domingos

Embora, de certo modo, não seja da minha competência emitir opiniões acerca dos assuntos inerentes ao progresso da nossa terra, consigno hoje aqui, sob forma singela e resumida e a título de modesta dissertação, as minhas impressões sobre o que há dias me constou relativamente à criação dum hotel.

Figueiró tem-se desenvolvido notavelmente nos últimos anos e está tomando as características duma terra que, pelo riquissimo somatório das suas qualidades naturais, adstritas ainda a uma inescrutável inércia, tem a possibilidade, mediante um certo esforço do turismo que não pode apenas basear-se naquilo que ela tem de pitoresco e saudável nem na propaganda destes, aqui caprichosa e salutarmente extraordinários, de vir a ser uma das grandes vilas turísticas do nosso país.

Contudo, tais características, ampliadas mesmo com as que provavelmente possam ser aduzidas do bem orientado plano de urbanização futura, que pode, como disse há tempo «A Regeneração», «dar um impulso tal a esta vila que a transforme radicalmente», não satisfazem ainda a uma condição necessária para que lhe possamos, já, atribuir fóros de tal qualidade, e que é a solução da questão hoteleira.

Esta condição, não sendo suficiente, é todavia básica para que qualquer aglomerado urbano goze os efeitos do turismo. Desnecessário é demonstrá-lo.

Indispensável se torna, pois, se queremos realmente turismo, resolver o problema de uma forma cabal.

Ora, a solução mais natural e que efectivamente me parece completa, consiste na edificação de um hotel absolutamente moderno.

Vejamos. O viajante moderno, turista ou profissional, é mercê de uma nova concepção da vida, positiva, prática e desportista; procura a mais perfeita hygiene e a maior comodidade, evitando tudo o que constitui superfluidades.

Consequentemente, o hotel, produto da progressiva necessidade de viajar, deve corresponder às exigências desse viajante.

Isto significa, simplesmente, que deve ser confortável.

Êste conforto, êste bem estar físico e espirital do hospede, obtém-se dotando-o de simplicidade, de bom gosto, de harmonia.

Obtem-se pela exactidão e rapidez do serviço, oriundas, em grande parte, da boa disposição técnica do edificio que, tornando curtas as distancias a percorrer, mínimos os

espaços mortos, não permite que o pessoal se fatigue demasiadamente e se torne, portanto, pouco cuidadoso.

Obtem-se pela Standardização do mobiliário, pelo controle de mercadorias e serviços, pelas estradas especiais e sem cruzamentos, tão incómodos como nocivos, para o hóspede, e pela visibilidade das mesmas para o gerente.

Obtem-se, em suma, pela sensata applicação dos cânones da architectura contemporânea à montagem da instalação ou, o que é o mesmo, pela criação dum hotel moderno.

Mas, um hotel em tais condições só pode surgir de um edificio especialmente construído para êsse fim e nunca duma construção destinada a qualquer outro inteiramente diferente.

Porque, se sob o ponto de vista técnico nem todas as construções se prestam satisfatoriamente para adaptações a fins diversos daqueles para que foram destinadas, realizando nelas as reformas indispensáveis e que devem proporcionar-se, a algumas, senão todas, às qualidades que oferecem os planos modernos, no interesse de lhe reconhecermos vantagens, pois de contrário tal não seria possível, sob o ponto de vista económico não é lógico adaptar por quanto, se é certo que sem rendimento nenhuma instituição industrial ou comercial está em condições de poder progredir, não é menos certo que êste, sendo o ponto principal do funcionamento dum hotel, está, por sua vez, positivamente dependente do plano architectónico geral.

Assim por exemplo, as despesas de exploração num hotel construído segundo os modernos principios de organização não vão além de 70 e até 50,º daquelas que tem outro de movimento sensivelmente igual mas mal instalado.

Logo, impondo-se a construção dum edificio destinado a tal fim, a plena solução da questão hoteleira é, de facto, a edificação dum hotel absolutamente moderno.

Resta-me unicamente, para concluir êste escrito despretencioso, frizar que estas resumidas impressões não excedem a sua amplitude de dissertação e registar a satisfação com que, aproveitando a oportunidade, sendo a minha homenagem aos illustres indivíduos que estão esboçando tão útil melhoramento para Figueiró, melhoramento que, tenho a certeza, sendo realizado dentro do espirito moderno e com uma certa abastança de capital, será de uma incalculável projecção do valor intrínseco da nossa terra.

Ruy Ferreira

Maçãs de D. Maria

Incorporação de recrutas

No passado domingo, com presença do sr. Governador Civil, Presidente da Câmara de Leiria e individualidades de destaque de Alvaiázere, foram inaugurados, diversos melhoramentos públicos, na freguesia de Maçãs de D. Maria e outras freguesias do concelho de Alvaiázere.

A filarmónica desta vila, abrihantou aquela importante festa.

Tem lugar de 20 a 25 do corrente a incorporação do 2.º turno de todos os mancebos recrutados em 1939, apurados e classificados para o serviço militar, bem como os que foram julgados aptos para os serviços auxiliares do Exército.

Todos nestas condições devem requisitar as suas guias nas Câmaras Municipais dos respectivos concelhos, desde o dia 15 do corrente mês.

Ainda hoje, volvidos tantos séculos, a Grécia antiga, ninho de sábios, filósofos e pensadores, nos oferece exemplos seriamente dignos de serem meditados. Foi ela a «alma mater», a fecunda criadora, a orientadora do pensamento humano. As mais sublimes concepções nas Artes, nas Letras, nas Ciências, na Filosofia, de lá brotaram e jorraram perenemente.

O céu azul, reflectindo as águas do Mediterrâneo; a suavidade do clima, o meio físico, criam na alma do grego a beleza requintada, a perfeição, a poesia, o lirismo.

Orfeu é o deus da Poesia e da Música. Da sua lira melodiosa se desprendiam os maviosíssimos sons que enterneciam até e amansavam as próprias feras, vindas das serranias distantes só para o ouvirem.

Orfeu simboliza a supremacia da Inteligência sobre a Força.

O grego é antes de mais nada um esteta; a sua imaginação ardente e fecunda cria o Clímpo.

A Grécia antiga é perene manancial de ideias.

Assim no Teatro aparece-nos o nome do celeberrimo comediografo Aristófanes e dentre as suas comédias uma há que nos impressiona pelo seu entreccho, rica de colorido, inédita, original: chama-se Lysistrata.

As mulheres sob o comando de Lysistrata, a heroína, cansadas duma guerra longa e inútil, impõem aos homens esta dura mas pitoresca condição: ou êles abandonam as fileiras e regressam aos pátrios lares ou elas, encerrando-se num templo, os repudiarão.

Extraordinário dilema êste: ou o amor ou a guerra.

Ora Aristófanes, já no sec. V a. c., defendendo a paz, nos apresenta para tão complexo problema uma tão sugestiva e engenhosa solução.

Hoje não há Lysistratas.

A mulher, embora se tenha já quasi que emancipado, outro remédio não tem, como qualquer simples mortal, do que resignar-se ante a tremenda hecatombe que assola o mundo.

A legitimidade ou não legitimidade das guerras é problema que não me proponho discutir. Obedeçam talvez a um determinismo social, mas determinismo verdadeiramente lamentável, porque trazem a miséria, a fome, a angústia das gentes, esquecendo-se a dignidade humana.

Não creiamos que a guerra nos traga um mundo melhor.

A Força existe realmente, mas também existe a Razão e a Verdade, certamente muito mais poderosas. E' a estas que cabe a vitória porque as conquistas da Força são sempre efémeras e desvanecem-se e somem-se também com o determinismo dos tempos.

A Humanidade em vez de se degladiar e aniquilar à procura dum equilíbrio sempre incerto e instável, devia edificar e construir na Paz e Progresso e no Bem e na Ordem um mundo melhor onde a ambição, a cubiça, a Dor e o Mal não tivessem lugar.

Eduardo Garrido

Eugénio Lacerda

Por ter sido colocado na Escola masculina desta vila, entrou no exercicio de suas funções o nosso amigo sr. Eugénio Pereira Nunes de Araújo Lacerda.

Este novo professor, nas escolas onde tem feito serviço, soube sempre conquistar as simpatias de todos, devido ao seu apuro e boa conduta, apasão do seu sentimento altruista e de bom servidor da Escola. Cumprimentamos o sr. Eugénio Lacerda e desejamos que nesta sua terra encontre todas as felicidades de que é digno.

Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos

A Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos faz publico que, nos termos do Art.º 541 do Código Administrativo e por deliberação de 18 do corrente, se acha aberto concurso documental por trinta dias, contados da segunda publicação deste anuncio no Diário do Governo, para provimento do lugar de aferidor de pesos e medidas deste Município, com o vencimento anual de 1.800\$00.

Os interessados deverão apresentar os seus requerimentos naquele prazo, bem como os documentos exigidos por Lei. Figueiró dos Vinhos e Câmara Municipal, 19 de Setembro de 1940.

O Presidente da Câmara,

a) Manuel Simões Barreiros

Abilio da Conceição Rodrigues
Advogado Tel. 40
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Médico da Casa do Povo
Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral
— Consultório e residência: —
Praça José Malhoa.

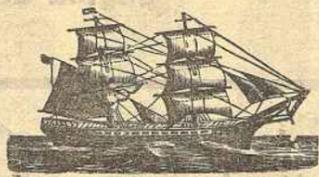
Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição
Pombal: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção
Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento
Agente-depositário de:
Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE FAVEIRO
Cal hidráulica MACIEIRA 24-12
- Os melhores preços -

VENDE Madeira de castanho para construções, parreiras e latadas.
Abílio David dos Reis



Agência de passagens e passaportes DE António Rodrigues

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA
(A' Praça da Figueira) Telefone 27998

Anuncio

COMARCA DE ÁGUEDA 1.ª publicação

Faz-se saber que no dia 7 de Novembro próximo, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço, além do abaixo indicado os predios a seguir discriminados, penhorados nos autos de execução hipotecária que Manuel Simões Fidalgo, viúvo, proprietário, residente nesta vila, move contra José Luiz mulher e outros, do lugar da Castanheira de Figueiró, desta comarca, a saber:

PREDIOS

—1. Uma terra de sementeira de rega e uma casa de habitação no lugar do Chão da Vinha, freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com herdeiros de José Lopes, do poente com Eduardo Francisco, norte com Abilio Ferreira e sul com a estrada. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 24.547, e é na matriz os artigos: 669 urbano, e 1.763 rustico. Vai à praça no valor de 5.962\$80

—2. O direito e acção a quatro sextos de uma terra de sementeira, no Chão da Vinha freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com Joaquim Dias, norte com Albino Ferreira, poente com Valentim Mendes e sul com o ribeiro. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 28.053 e é na matriz o artigo 1.764-1/4. Vai à praça no valor de 1.946\$10

—3. Uma testada de mato com castanheiros no sitio do Vale da Carreira, limite do lugar da Castanheira, freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com o baldio, poente com João Vicente, norte com António Canpos e sul com Januário Henriques. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 13.996, e é na matriz o artigo 660. Vai à praça no valor de 294\$80

—4. Uma terra de sementeira de seca com oliveiras e mato, no lugar do Chão da Vinha freguesia dita, parte do nascente com Albino Ferreira, poente com herdeiros de Manuel Francisco, norte e sul com a estrada. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 24546, e é na matriz o artigo 1.751. Vai à praça no valor de 286\$00

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES —: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Cofre à prova de fogo

VENDE-SE. Nesta redacção se diz

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral

Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

te com Albino Ferreira, poente com herdeiros de Manuel Francisco, norte e sul com a estrada. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 24546, e é na matriz o artigo 1.751. Vai à praça no valor de 286\$00 Figueiró dos Vinhos, 3 de Outubro de 1940.

O chefe da 2.ª Secção Joaquim José da Conceição Júnior Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito Themudo Machado
Jornal «A Regeneração»—N.º 517
12 de Outubro de 1940

«TRANQUILIDADE»

Companhia de Seguros

1871

PORTO — COIMBRA — LISBOA

SEGUROS { VIDA — INCENDIO — AGRICOLA
CRISTAIS — MARITIMOS E GUERRA

Em FIGUEIRÓ DOS VINHOS:
Rua Dr. Manuel Simões Barreiros
TELEFONE 23

Delegado: Manuel Luiz de Oliveira

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpo» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO GOELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão — Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços — Coimbra

DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-7

Madeira de castanho

Vende-se para construção e aduelas, com o comprimento de um a cinco metros. Manuel Pereira Júnior—Campelo—Ribeira Velha. 3-3

Vende-se

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija-se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

Tonel de 125 almudes

Vende-se, de madeira de castanho em estado novo. Quem pretender dirija-se a Adelino José Lopes—Casal do Pedro—Aguda. 3-3

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

A actual poesia social luso-brasileira

Tem-se repetido muito ultimamente, que todo o poeta é a sede de um drama, e que a poesia é a expressão desse mesmo drama. Só podemos considerar isso verdadeiro se tomarmos a expressão drama na acepção mais lata: como o conjunto de todas as reacções emotivas que abalem interiormente a personalidade sensível do poeta, quer originadas por um choque de sentimentos íntimos ou de uma busca ansiosa de personalidade, quer resultantes da repercussão de acções exteriores—englobando neste termo todas as causas capazes de lhe impressionar o preconsciente.

Mas, pelo exagêro forçado do conceito interiorista, chegou-se a encerrar ainda mais a noção de poesia, passando a considerar-se como tal somente a que desvendasse o drama intrínseco do poeta-homem, o que não corresponde a uma realidade lógica: é muito e é pouco. E' muito no que tem de categórico e limitado, pois o drama, mesmo o mais subterrâneo, pode aparecer traduzido por conceitos de auto-observação puramente prosaicos, e pouco, por querer reduzir a poesia a especulações nietzschianas (1) e a malabarismos autocêntricos.

E' de observação constante que todas as correntes, tanto sociais como artísticas, que pecam pela exclusividade direcção, são a origem de reacções, tanto mais violentas quanto maior quere ser a sua supremacia. Foi o que sucedeu no campo poético: as gerações mais novas de Portugal e do Brasil deixaram de encarar a poesia como uma ostentação dos fenómenos psíquicos em frente do eu, deixaram de «se curvar sobre o próprio umbigo», para se universalizarem pela integração do indivíduo na humanidade:

A minha vida não me vasta mais!
Eu quero ser o Mundo!

(Oneyda Alvarenga)

E' já um lugar comum dizer que não são as correntes poéticas que actuam sobre os verdadeiros criadores, e que estes, pelo contrário, é que as definem e caracterizam. Se num dado momento surgem fluxos similares de interpretação em artistas de primeiro plano, são devidos à influência nítida dos fenómenos humanos sobre a maneira de ser dos indivíduos e, portanto, dos poetas—nos quais toda e qualquer torre de marfim é sempre artificial e inaceitável.

Vem a propósito falar dos influenciados, que se deixaram arrastar, não já pelas correntes psico-sociológicas predominantes, mas pela forma e essência dos outros poetas (Até há poucos anos, seria paradoxal falar em influência na forma, pois, estando toda esta é estandardizada em regras rígidas, os poemas, formalmente, não eram mais, tirando pequenas variantes, do que a repetição dos já existentes). Portanto, entre os influenciados, temos que considerar os influenciados pelo meio, em que incluímos todos os que pertencem ao seu tempo ou antecedem visões futuras, e os influenciados pelo potencial artístico dum ou doutro poeta que impõe; trata-se, no último caso, de indivíduos facilmente sugestionáveis, tornados, consciente ou inconscientemente, satélites desse poeta. Os primeiros, integrados no plano intelectual da época, valem pelo que, dentro da corrente comum, a sua obra encerra de pessoal; os poemas dos segundos não serão mais, tanto na essência como na forma, do que reflexos dos artistas de valor.

E' evidente que não pode estar na vontade de qualquer determinar a priori se deve fazer invariavelmente poesia social, poesia lírica ou poesia interiorista. Da mesma maneira, não é admissível estabelecer uma barreira nítida entre o poeta social, o intimista e o lírico: é que a poesia surge com as características do momento em que foi gerada, não podendo, pois, estar ligada a um esquema unitário pre-estabelecido. E' dos complexos psicológicos individuais que depende a predominância de poemas desta ou daquela corrente.

A humanização da arte alcançou uma maior amplitude no Brasil do que entre nós. Ao referirmos-nos a amplitude, não a tomamos sob o ponto de vista numérico — o que seria óbvio, visto a grande diferença populacional —, mas antes como convergência simultânea das diversas formas interpretativas da arte intelectual. Assim, no Brasil, o romancista actual vai até as chamadas baixas camadas sociais, e conta nos a miséria dos alugados nas plantações, a vida asfixiante e negativa das fábricas, os pobres que vegetam nos morros, as prostitutas, a tragédia das secas, etc., na compreensão de todas as necessidades e de todos os sofrimentos. Em Portugal, o romance com características sociais, tirando o caso de Ferreira de Castro—já duma geração antecedente—e de poucos mais, não se revelou ainda em toda a sua plenitude. Não podemos inferir disto que os romancistas portugueses não sentem como os brasileiros o marulhar intenso da vida das multidões: não lhes faltam, tampouco, as possibilidades de a fixar e descrever. As causas que os impõem têm de ser procuradas além deles próprios. Já o mesmo não sucede na poesia, em que os jovens das duas nações se inspiram paralelamente no drama das massas, pela actuação dos casos colectivos como factores de emoção poética, quer intelectual quer intuitiva. A arte deixa de ser considerada inútil ou isolada dos processos sociais; surge, por vezes, como uma antecipação, ou afirmativa:

Nós somos a vanguarda da vida.
Temos os olhos francos como a água,
e duros como decisões.
Marchamos adiante a abrir caminho às multidões do presente e do futuro.

(Rumo Fraga)

ou idealizada numa visão optimista da sociedade do futuro:

Um dia
(ah sinto-o bem para além das milhentas folhas de todos os tratados)
uma onda de amor invadirá tudo e todos.
E será uma primavera diferente de todas as primaveras
porque ainda não foram inventadas as palavras para exprimi-la.

(Mário Dionísio)

Como exemplo, transcrevemos mais alguns exceptos de poemas inspirados na vida amarga das multidões, no carinho fraternal pelas grandes convulsões da humanidade:

A devastação secou o leite dos seios maternos pendentes,
e duma espavorida cabra o pai foi tirar, curvado o primeiro leite.
Nas palhinhas, o menino chinês chora um lamento de animal escorraçado,
e o olhar dos pais é mais triste e duro para os campos desertos.
Senhor, basta de dilatar impérios!

(Alberto de Serpa)

Quando, irmãos, as pombas brancas pousarão
nos nossos ombros
para falar ao coração de todos nós?
Quando, irmãos?
Quando?

(Rossine Camargo Guarnieri)

Apontamento sobre um falso conceito de Feminismo

Não basta escrever sobre a emancipação da Mulher. E' necessário pôr o problema em equação, isto é, colocá-lo no seu verdadeiro lugar, dissecando erros ou virtudes, sem receio de ferir sensibilidades. Entre nós, onde é lugar-comum os cretinos evidenciarem-se a dentro do nosso panorama mental, raramente se fazem referência aos verdadeiros valores, aqueles que da verdade contribuem para o desenvolvimento da nossa cultura. E isto sucede principalmente nas fileiras femininas, onde já se esboça um vago movimento de renovação, mal compreendido no nosso país, onde o velho conceito «Anjo do Lar» criou raízes. Porém a verdadeira culpa da situação da Mulher Portuguesa se encontrar neste estado, é devido fundamentalmente à Grande Imprensa que impõe ao público como orientadoras do movimento feminino português, as várias *Franjeluches* que em vários diários sustentam o mais lamentável exibicionismo literário e intelectual. Todavia são estas que são conhecidas, que vêem os seus livros publicados e que chegam ao desafêro de representarem a mentalidade feminina portuguesa.

Há portanto que destrinçar o feminino verdadeiro, do feminino retórico e pedante, de que estas senhoras são adeptas e pioneiras.

Há que colocar de um lado os verdadeiros valores femininos, e do outro, todas as *Franjeluches*.

Assim colocaremos o problema do «feminismo» em Portugal, no seu devido lugar.

Ainda não há muito tempo que uma Senhora Portuguesa — Sara Beirão — autora do «Confessionário Feminino», de «O Primeiro de Janeiro», realizou no Brasil várias conferências públicas, fazendo incidir, desta maneira, a atenção dos brasileiros sobre a mentalidade feminina da nossa terra. Não nos cabe aqui discutir o valor de tais conferências, mas simplesmente perguntar, se a Senhora Dona Sara Beirão tem autoridade intelectual para representar a Mulher Portuguesa?

Este facto, é resultado evidente, de que em Portugal os verdadeiros valores femininos vivem na penumbra, desconhecidos do público, e — o que é ainda mais lamentável — dos diários de grande expansão! Quem

E todos passam pela manhã clara
num sono desgraçado,
os olhos tocados do teu sorriso de luz
e as mãos tam perto da árvore carregada de novidade
sem poderem colher os frutos.

(Manuel da Fonseca)

Porque falais dos lindos luars de prata
se há crianças esqueléticas pedindo pão?

(Nilo da Fonseca Werneck)

Como era de prever, este movimento humanitário da arte inferiorizou-se, de início e ainda hoje em parte, pela obscuridade exagerada de imagens devida à transposição dos exageros intimistas para o campo social. Mas, como este exagêro não correspondia, de forma alguma, às presentes realidades poéticas — mais próximas do multidão e necessitando, concomitantemente, do maior compreensibilidade —, atenuou-se ao ponto de podermos considerar a nossa poesia social (quando dizemos nossa subentendemos a luso-brasileira) como tendo já atingido o período de estabilização. (E' bom não confundir estabilização com cristalização; aquela é valorizativa, esta indica decadência. Uma poesia de temas universais não me parece susceptível de se cristalizar; ao invés, a que se limita a desenvolver interioridades de natureza poética, parece-me condenada, quando cerrada e egoísta, a um empobrecimento cristalizador: o homem é sempre menos rico em temas do que a humanidade; esta é que lhe comunica, na vida de todos os dias, os factores onde se irá retemperar.)

Têm surgido objecções contra a corrente social da poesia moderna. José Régio refere-se, no último número da *Presença*, a «certas tendências jovens de há um século»; mas contradiz-se quando permite que se publiquem, no mesmo número da *Presença*, da qual é director, poemas sociais de Mário Dionísio, Alberto de Serpa, Cecília Meireles, etc.

Aos que accusam os poetas sociais de procurarem temas presentes com abandono dos eternos, fica a pergunta:—Haverá tema mais eterno e mais vibrante do que o desejo de melhorar a humanidade?

(1) «Um só me assedia sempre excessivamente (assim pensa o solitário). Um sempre ababa por fazer dois. Eu e mim estão sempre em conversação incessante» (NIETZSCHE)

NOTA — Dos poetas citados são brasileiros: Oneyda Alvarenga, Rossine Camargo Guarnieri, Nilo da Fonseca Werneck e Cecília Meireles.

Este artigo já foi publicado parcialmente na revista «Pensamento».

Fevereiro—1933

João Tendelro

O alcool e a loucura em França

Le Jour, l'Echo de Paris de 24 de Agosto noticia que o conselho de ministros da véspera proibiu o fabrico e venda de aperitivos com mais de 16 graus.

Em 1919 havia em França 410.931 «bistrotts», o «assommoir» que Zola já há mais cinquenta anos denunciara ao mundo inteiro como um flagelo horrível do povo francês. Em 1935, aquele número subiu para 505.693, isto é, um desses hediondos balcões para 80 habitantes, enquanto a Alemanha tinha 1 para 270 habitantes; a Inglaterra, país apontado como de sólidos bebedores, 1 para 430; Suíça, 770; Suécia, 8000; Finlândia, 5400.

O consumo do alcool atingira 2 litros e meio por habitante e por ano, sem abranger o vinho, cujo consumo é de 200 litros anuais por habitante.

2 litros e meio de alcool puro para cada francês, quando o alemão só absorve 77 centilitros; o inglês 58; o italiano 28.

Tal abuso trouxe como consequência o aumento da mortalidade e de doenças, sobretudo as afecções gastro-hepáticas, e as afecções nervosas e mentais. Em 1906 havia em França 71.427 alienados; em 1939, 110.000, dos quais 8/10 em consequência do abuso do alcool. Os relatórios dos médicos do Exército são concordantes unanimemente em considerar o abuso do alcool como uma das causas da derrota da França.

Por menor significativo, um só cooperativa militar vendeu em Janeiro de 1940 5520 litros de aguardente e 5000 litros de aperitivos, ao mesmo tempo que uma casa de venda por grosso de vinhos e bebidas alcoólicas, a alguns quilómetros daquela cooperativa, vendia, durante o mesmo espaço de tempo à mesma população militar, 2.100 litros de aguardente e 7420 litros de aperitivos. Resultado: num só hospital, desde o inicio da offensiva, registaram-se em 10 dias 814 casos de loucura, de delirium tremens.

(Da Seara Nova)

é que conhece Adelaide Estrada e Matilde Bensaúde? Todavia ocupam no nosso país, lugar destacado como cientistas, constituindo dois exemplos frizantes de honestidade intelectual.

Tem-se a grande imprensa ocupado da obra poética da alentejana Florbela Espanca? Acaso publicou alguns artigos da nova mas já notável escritora Maria Raquel?...

Contudo dedica colunas de prosa, às nossas *Franjeluches*...

E' necessário—a bem da cultura feminina da nossa terra — fazer o saneamento da vida mental da Mulher Portuguesa. Há que agora ao feminismo retórico e vazio de sentido, o feminismo de facto, de que Adelaide Estrada, Matilde Bensaúde e outras, são exemplos.

Maria Selma